

# Malasianos: perigo ou oportunidade?

Raimar da Silva Aguiar \*

Há uma questão polêmica angustiando as pessoas sobre um "perigo iminente" relacionado à aterrissagem na Amazônia de grupos de empresas "poderosíssimas", oriundas da Malásia e dispostas a "exterminar a floresta amazônica" – bem de todos os amazônidas e brasileiros, e almejada por muitos estrangeiros como "patrimônio da humanidade".

De fato, há duas ou três empresas gravitando no orbe da "rain forest" amazônica, de porte razoável, como tantas outras trabalhando no mercado nacional gerando empregos, participando do nosso desenvolvimento, sob as regras claras constantes da Constituição Federal, das Leis, dos Decretos, dos regulamentos disponíveis no país, tais como a Samsung, GoldStar, IBM, Philips, Philco, Mitsubishi, Raytheon, Thompson.

Estas empresas orientais da área de madeira, em realidade, adquiriram duas empresas que estavam encerrando as suas atividades, dispensando perto de mil operários e desativando os seus sistemas de compras na capital e no interior, geradores de milhares de empregos. Também estão em negociação com um lote de terras de 300 mil hectares no interior do Amazonas, onde pretendem desenvolver projetos de manejo florestal para servir de base de suprimento de matérias-primas. Não investiram ainda contra uma só árvore.

Isso tem sido o bastante para le-

vantar suspeitas tenebrosas, capazes de causar pânico nas pessoas de boa-fé e formar opiniões enganosas. Treviso é o panorama que se esconde por trás de informações irresponsáveis, maledicentes, enganosas, procurando empanar as oportunidades que vêm ao nosso encontro, que, sob outro ângulo, favoreceriam o rompimento do círculo vicioso da nossa pobreza crônica. Vivemos cercados pelo maior reduto de recursos naturais do planeta, amargando um estado arraigado de pobreza.

**Há suspeitas infundadas sobre empresas orientais que desejam trabalhar na área de madeira da Amazônia**

meditemos sobre este tema... Retumbam pelos céus amazônicos, fazendo parte de uma vasta literatura e discursos, o famigerado "roubo" das 70 mil sementes das seringueiras, árvore produtora da borracha, pelo botânico inglês Sir Henry Alexander Wilckham, que as levou para a Malásia, o Ceilão e Java. Daí então, pela quebra da hegemonia da produção amazônica, amarguramos um descalabro econômico de cinquenta anos, até a implantação da Zona Franca de Manaus na década de 60. O mesmo se diz a respeito das sementes do óleo de palma (dendê) levadas, também, pelos ingleses, da África e adaptadas na Malásia.

Ambas as culturas tornaram-se produtivas, prosperaram em um inequívoco êxito e transformaram a vida econômica daquele pequeno país, de 32,8 milhões de hectares, comparados com 520 milhões da Amazônia.

A cultura do óleo de palma na Malásia responde hoje por uma área plantada de 2,5 milhões de hectares, gerando US\$ 5 bilhões de exportações, empregando 160 mil pessoas. São líderes no mundo na produção e maiores exportadores de óleos e gorduras, produto carente num mundo de fome e carência de proteínas vegetais. Sem falar dos detergentes, produtos de higiene pessoal e elastômeros biodegradáveis a partir do insumo dendê, que tem sido de grande procura hoje e será no futuro.

Com os dois produtos básicos se fez a reforma agrária naquele país, que, atualmente, proporciona àquelas populações pobres trabalho, uma gleba de 4 hectares, vida digna, em vez da bicicleta um pequeno carro e teto para morar.

Na área florestal não devastaram coisa alguma. Substituíram a parte da floresta natural por culturas rentáveis para sustentação de sua população de 19 milhões de habitantes, em 4,44 milhões de hectares (13% de sua área total). Da área total do país, 32,86 milhões de hectares, 23,45 milhões deles estão assegurados por florestas e cobertura vegetal, igual a 71% (19 milhões de hectares são florestas naturais).

Apenas para comparação, em uma área de 4,44 milhões de hectares na Malásia, produzem 16 milhões de metros cúbicos de produtos de madeira, inclusive toras exportáveis. Enquanto na Amazônia, detentora da maior floresta tropical do planeta, produzem-se menos de 7 milhões de metros cúbicos (no Amazonas, menos de 500 mil metros cúbicos).

Todo este sucesso, que aconteceu em menos de meio século, no Oriente, é que os ranzinzas ecologistas, travestidos de nacionalistas, conceituam de "passado não recomendado" e de "perigo iminente", como se promovessem o contágio da destruição irresponsável.

Em suma, rejeitamos e hostilizamos as oportunidades que vem à nossa porta, denotando um flagrante complexo de inferioridade, de incapacidade de formar parcerias, amedrontados, temerosos de sermos traçados pelo pequeno país, que foi tão pobre no passado, quanto nós no presente. Em outra cena, os paulistas, baianos e paraenses os recebem como verdadeiros irmãos, na busca de alianças estratégicas, como aconteceu no seminário promovido pelo governo e empresários da Malásia em São Paulo no dia 19.

No Amazonas, dispomos de 50 milhões de hectares de área propícia para a cultura de óleo de palma, no Pará 8 milhões de hectares e na Malásia eles têm apenas de 2,5 milhões. Lá não dispõem de espaço

físico nem mão-de-obra. Aqui temos abundância de ambos, um ecossistema propício e um exército de "sem-terra" ameaçando a estabilidade política e social do governo e da sociedade, sem nenhuma solução encaminhada confiável para nossa reforma agrária.

Outro fator abundante do nosso lado, são os pretensos formadores de opinião, medíocres, medrosos, irresponsáveis, empanados com o medo de romper com o subdesenvolvimento, ocupando postos estratégicos de governo e representando segmentos da sociedade civil, trabalhando para afastar de nossas sofridas popula-

**Por que seriam os asiáticos que querem explorar a floresta diferentes daqueles que se instalaram na Zona Franca de Manaus?**

ções as possibilidades de dias melhores, pela exploração das oportunidades voltadas para as nossas vocações naturais, em parcerias com povos irmãos, que nos convidam a desfrutar de suas experiências de êxito. O suposto "roubo" da borracha da Amazônia e do óleo de palma da África estaria fazendo o caminho inverso, pela mão justa do destino, depois de cem anos, oferecendo oportunidades perdidas no passado e promissoras no presente e no futuro. O que nos foi usurpado no passado, contra a nossa vontade raivosa, hoje nos é oferecido sob forma de oferta e parcerias voluntárias. Capitalistas não são santos, mas também não

somos imbecis de ser ludibriados, principalmente, por antecipação.

Temos uma experiência aos nossos pés, as empresas que vieram e se instalaram na Zona Franca de Manaus. São poderosas, multinacionais, mas nem por isso descumpriram as nossas leis ou violentaram a nossa população e o meio ambiente. Estão aí participando do nosso desenvolvimento.

Por que seriam os asiáticos da floresta, da borracha, da juta, do óleo de palma que iriam nos enganar, destruir nossa floresta, deteriorar o nosso meio ambiente? A Samsung, a GoldStar, foram bem recebidas por todos do Amazonas, por ser da área eletrônica.

Quando se trata de floresta, ou de recursos naturais, a coisa muda. Isso dá para desconfiar!!! Todo

esse jogo de voluntarismo autoritário de pessoas, técnicos e funcionários incompetentes de governo contra os malasianos e o combatido setor madeireiro. Esconde interesses outros, que não são ecológicos e muito menos humanitários em favor das populações sofridas da Amazônia, que dorme um sono letárgico em meio a suas riquezas em potencial. É preciso não termos medo de ser feliz. Precisamos romper as amarras do nosso subdesenvolvimento econômico, social e, sobretudo, cultural.

Economista, diretor e assessor da Fieam, Feceam, ex-secretário de Planejamento do Amazonas, diretor-executivo da FCBA.

GN  
10/12/1977  
2053

A-5